

O ofício do historiador e a Festa do Divino Espírito Santo em Gravataí/RS

JAIRTON ORTIZ DA CRUZ*

Os estudos históricos na contemporaneidade apresentam diversas fontes e métodos de pesquisa, que possibilitam ao historiador cruzar fontes e elaborar certos questionamentos a cerca do seu objeto de estudo. Alguns estudiosos tais como: Ginzburg (1989), Malatian (2011), Le Goff (2011), Cunha (2011), Bloch (2001) e outros trabalhados na cadeira de Fontes e Métodos de Pesquisa histórica do Programa de Pós- Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sob orientação da Professora Doutora Ana Silvia Scott e o Professor Doutor Gabriel Santos Berute, foram selecionados pelo jovem pesquisador para o desenvolvimento de seu trabalho sobre: *A Festa do Divino Espírito Santo em Gravataí-RS (1980-2002): estudo de caso de construção de política identitária.*

Cabe nesse momento apresentar a festa e em um segundo momento desenvolver uma discussão com os teóricos e suas possibilidades de métodos e fontes de pesquisa, relacionando com o referido estudo.

A Festa do Divino Espírito Santo remonta sua origem à Europa. Desde o século XII já se tem notícias da festa na França. Em Portugal, seu início se dá no reinado da rainha Isabel de Aragão, esposa de D. Dinis, que propagou o culto ao Divino Espírito Santo, em 1323, e também fundou a primeira Igreja do Espírito Santo na Vila de Alenquer.

Na região sul do nosso país, em especial Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a história dessa celebração remete ao século XVIII, quando da chegada dos imigrantes açorianos vindo dos Ilhéus ao Brasil.

A vinda dos açorianos para o Rio Grande do Sul pode ser caracterizada, segundo Noronha, como:

Saídas que ocorreram em movimentos de colonização enquadrados pela Coroa, mas também por iniciativa própria, legal ou ilegalmente, e que, em certas épocas,

chegaram a condicionar a própria dinâmica populacional dos Açores. (NORONHA, 2007: 13)

* Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) – Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História. Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Essa trajetória deixou marcas em algumas localidades povoadas pelos açorianos que formam hoje as cidades de Viamão, Porto Alegre, Taquari, Osório, Santo Antônio da Patrulha e Gravataí, esta última chamada, no período colonial, de *Aldeia dos Anjos*.

A atual cidade de Gravataí seguiu o festejo do Divino Espírito Santo até meados da década de 1960, quando o evento foi suspenso pela primeira vez. No ano de 2002, o festejo retomou suas atividades e vem sendo atualizado com elementos das celebrações atuais da Ilha Terceira (Açores).

A Festa é uma celebração que remete ao período de Pentecostes, conforme o calendário católico. Ela ocorre cinquenta dias depois da Páscoa. O festejo inclui a folia do Divino¹ e a novena do Espírito Santo², cujo término marca o início da procissão da bandeira do Divino, onde os fiéis peregrinam pelas ruas, exaltando o Terceiro elemento da Santíssima Trindade com cânticos de louvor.

Outro momento é o hasteamento da bandeira, onde se inicia a parte profana³ da festa, quando podem aparecer cavalhadas⁴, bois, mascarados, marabaixo⁵, pastorinhas. Após a

¹Folia do Divino: Segundo Spalding a folia é [...] a composição de um terceto, quarteto ou quinteto de músicos, no geral violino (rebeca), viola ou guitarra, pandeiro e ferrinhos, e mais outros tantos não músicos para auxiliarem a cantoria e receberem o óbolo. In: A Festa do Divino Espírito Santo e sua origem, disponível em <http://www.jangadabrasil.com.br/maio33/fe33050c.htm>, acesso em 02/06/2012.

²Novena do Espírito Santo: momento de louvor e glorificação ao Divino. Realizada dias antes do festejo. De acordo com Gonçalves e Contins, durante sete semanas consecutivas, a partir da noite do domingo de Páscoa, sete irmãos e suas famílias irão permanecer, em cada semana, com a coroa do Espírito Santo e o cetro. Durante essas semanas, cada família sorteada irá receber em sua casa outros “irmãos” da sua irmandade, bem como de outras irmandades e pessoas do bairro, para rezar o terço ou novena em homenagem ao Divino Espírito Santo. In: Entre o Divino e os Homens: A arte nas festas do Divino Espírito Santo, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n29/a04v14n29.pdf>, acesso em 02/6/2012.

³Segundo Durkheim [...] A divisão do mundo em dois domínios que compreendem um tudo que é sagrado e outro tudo que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas é com as coisas profanas. (DURKHEIM, 1989:19-20)

caminhada dos fiéis seguindo os cancioneiros e arrecadando doações para a festa, todos seguem até a Igreja para o ponto alto da celebração, a coroação do imperador, representante oficial do Divino Espírito Santo, recebendo a coroa e o cetro.

É possível reconhecer, inicialmente, que são as instituições, alguns segmentos e algumas personalidades da cidade de Gravataí, como os comerciantes locais, por exemplo, que retomaram o festejo. Dentre as instituições, pode-se citar a Igreja Nossa Senhora dos Anjos, que por muitos anos apropriou-se da festa para ordenar a comunidade local, segundo Jachemet (2002). O controle da festa por parte da Igreja intensificou-se quando assume a paróquia o Padre Pedro Wagner no período de 1913-1959, o qual organiza e centraliza a festa, este interfere diretamente nas questões sociais, políticas e econômicas. Teve, além disso, o respaldo da Restauração Católica no ano de 1922⁶, que tinha por objetivo unificar o poder da Igreja, impedindo a participação dos populares em qualquer ação pertencente à esfera religiosa.

Outra instituição que revaloriza o festejo é a CAERGS (Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul), fundada no ano de 2003 com o propósito de resgatar as raízes açorianas na comunidade de Gravataí e promover a valorização e divulgação da açorianidade no mundo, através de estudos e pesquisas.

Por último, ainda temos a Prefeitura de Gravataí, que reconhece a festividade como parte da história da cidade, havendo a participação e incentivo do poder executivo na promoção do evento.

Compreendo, também, que as festividades são presentes na história da região sul do país, promovidas por diferentes grupos sociais, tais como: alemães – a Oktoberfest em Blumenau, a Oktoberfest de Mal. Cândido Rondon, no oeste do Paraná, a Fenachopp em

⁴Célia Silva Jachemet e Ana Zenaide Gomes Ourique descrevem as cavalhadas como lutas entre mouros e cristãos pela mão da princesa Florípedes. Tais lutas têm sua origem na Idade Média e vem para o Brasil na época da colonização portuguesa.

⁵Marabaixo, conforme Accioly e Salles, é uma manifestação musical elaborada a partir das referências do catolicismo popular. Nela, os aspectos lúdicos, religiosos e transgressores transpõem os limites entre o lícito e o não lícito, entre o sagrado e o profano.

⁶ Refere-se à união entre Estado e Igreja para doutrinar e ordenar a sociedade brasileira, esse movimento acabou com as Irmandades do Divino Espírito Santo.

Joinville; os italianos – a Festa da Uva em Caxias do Sul, a Festa do Vinho em Bento Gonçalves; os poloneses – a Festa Polonesa em Guarani das Missões e mais tantas outras.

Portanto, é necessária a compreensão de que essas manifestações festivas potencializam um momento especial, no qual uma coletividade projeta e [re]cria significados para o mundo, lhe imprime identidade, sentido, conflitos, valores e especificidade. Cria-se uma teia complexa de relações e interesses, da qual participam, entre outros, o Estado e o aparato políticos (câmara de vereadores, câmara de deputados, prefeituras e etc) responsáveis pela normatização do uso daqueles espaços públicos onde as festas se realizam, pela sua inserção nos calendários de eventos e pela criação de políticas identitárias.

Ao realizar esta prevê apresentação do festejo procuro relacionar os autores estudados com meu objeto de pesquisa. Início com Carlos Ginzburg (1989), no capítulo *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, o autor discute método morelliano que consististe na análise detalhada das obras de artes, tendo como objetivo identificar o original ou cópia das obras, através de características não observadas pelos estudiosos de arte no período, como a unha, dedo, orelhas, pelo fato de cada artista ter um traço diferenciado do outro.

Este método me indica a pensar sobre o fazer das festas do Divino no Brasil e relacionar com a celebração em Gravataí-RS, ou seja, cada festa possui suas características próprias e no que elas se diferenciam pelo detalhe impresso pelas comunidades que a praticam. Desta forma, poderei pensar nas reinvenções das tradições trabalhadas por Hobsbawm (2002), que reordenam sentidos e significados às festas, pois estes falam sobre quem somos e o que nos motiva a fazê-los emergir nos tempos de globalização.

Ginzburg (1989) indica em sua análise do método morelliano os caminhos que o historiador deve percorrer em sua investigação, afirmando que “[...] o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”(1989:157), ou seja, os dados, as informações, as provas não estão explícitas ao primeiro olhar do investigador, masque devem ser examinadas com um olhar atento aos indícios, vestígios implícitos nas fontes históricas. Cabendo ao historiador recorrer a um método analítico que lhe ofereça resultados concretos sobre sua investigação, traga a tona os dados invisíveis contidos nas entrelinhas da escrita das civilizações.

O autor ressalta que ao trabalhar com os paradigmas deve-se ter em mente que os modelos epistemológicos estão ligados, muitas vezes, nas diferentes disciplinas através de métodos ou termos-chave. Nesse sentido verifico a importância de dialogar com outras áreas do conhecimento, no meu caso a antropologia, me orienta a ter um olhar mais atento sobre a Festa do Divino, conforme Giznburg (1989:170):

“[...] à imensa página branca onde as pessoas que procuramos deixaram escrito não só seus movimentos e seus passos mas também seus pensamentos secretos, as esperanças e angústia que as agitavam.”

O excerto acima fala do ofício do historiador, chama a atenção para os cuidados que este deve tomar ao trabalhar com vidas humanas, pois são cheias de sentimentos, desejos e sonhos realizados ou não, o que a historiadora Maria Tereza Cunha (2011) em seu trabalho *Territórios abertos para a história*, aborda sobre as práticas culturais do sensível⁷.

Cunha (2011) em seu texto indica como possibilidade de fonte o diário que revela as memórias dos indivíduos de acordo com suas vivências em determinados períodos, não contempladas pela história oficial, esta construída por instituições e grupos sociais dominantes que registraram eventos, conforme seus interesses que estavam em jogo.

O diário como fonte apresenta as experiências coletivas a partir da memória individual que é a sua base, cabendo ao historiador problematizar essas informações e cruzá-las com outros tipos de fontes, sendo assim poderá responder ao seu problema de pesquisa.

Ao ler o texto da pesquisadora lembrei-me de certas conversas informais com alguns participantes do festejo do Divino em Gravataí/RS, que me relataram sobre os amores constituídos durante a celebração e tendo como resultado a união matrimonial. Penso que os diários das senhoras ou até dos homens quem sabe? Poderiam me revelar dados da prática festiva, assim como do contexto social, econômico, político da comunidade gravataiense.

⁷ Recurso utilizado pela História Cultural a partir dos anos 1980 que verifica as sensibilidades, compreendidas: emoções, desejos, medos, tensões, dilemas, conforme a trajetória dos indivíduos. Portanto fala da construção de subjetividades, traços deixados pelo seu escritor, sonhos, esperanças, dúvidas, relata o cotidiano e as afetividades de um tempo alheio ao pesquisador.

Estes podem me auxiliar na pesquisa, para melhor entender as alterações ocorridas na festa e o sentimento de pertencimento dos sujeitos naquele período, como também formular novos questionamentos sobre a interrupção do festejo nos anos de 1960.

Nessa linha das trajetórias individuais que estão conectadas as vivências coletivas percebi em outro texto de autoria da pesquisadora Teresa Malatian (2011), intitulado: *Narrador, registro e arquivo*, as cartas como mais uma possibilidade de pesquisa que pode ser enquadrada na minha investigação. Penso nas jovens moças que escreviam entre si sobre a festa, Como iriam se comportar? Qual vestido colocar? Quais amores iriam se formar? Como burlar as regras da Igreja? Em quais bancas iriam trabalhar? Assim como na correspondência religiosa, que mostra o poder da Igreja representado através das ações do pároco, sendo suscitada a seguinte pergunta: Como a Igreja local exercia influência sobre a população? Os questionamentos levantados servem como ponto de partida para montar o cenário da festividade em Gravataí/RS no início do século XX.

Segundo Célia Jachemet (2002) ocorreram diversas transformações na Festa do Divino ao passar do tempo. Entre elas, quando assume, em 1913 – 1959, o Padre Pedro Wagner muda completamente o ritmo do festejo. Passa, então, a organizar e a centralizar a festa, pois interfere diretamente nas questões sociais, políticas, econômicas, assim como no comportamento e na postura dos indivíduos.

Observa-se na citação abaixo, a influência do vigário, conforme a autora:

Uma prova dessa participação política e econômica, podemos constatar na carta enviada pelo Padre Pedro Wagner ao então Presidente do Conselho Municipal de Gravatahy, o Sr. Anápio Gomes, carta esta de 4 de abril de 1929. Nesta carta, o Padre solicita ao amigo Anápio Gomes que interfira junto ao Intendente Municipal para que não se poupe esforços em viabilizar o contrato com a Companhia Antártica para que esta se instale na vila. Fala também do imposto de estrada que deve sofrer um aumento, visto ser o imposto cobrado, o menor do Estado. Diz que o imposto é um “*argumento significativo de progresso e bem estar.*” (JACHEMET, 2002: 99)

A citação acima representa a ação do vigário na vida da comunidade de Gravataí/RS e indica a correspondência paroquial como uma fonte de pesquisa para compreender a dimensão do poder da igreja no período. Quais instrumentos eram utilizados pela esfera religiosa no controle da festividade?

Portanto Malatian (2011) pensa que este tipo de fonte histórica (carta) representa as experiências humanas descritas nas práticas, ações e movimentos dos sujeitos, que falam da identidade do indivíduo e da sociedade que o pertence.

Em linha gerais Cunha (2011) e Malatian (2011) fazem algumas ressalvas ao historiador, que este procure ter cuidados ao examinar a fonte histórica, fazer um levantamento bibliográfico criterioso; organizar a documentação; elaborar perguntas à cerca de alguns temas, relacionando com o objeto pesquisado. Todas essas dicas orientam este investigador a procurar e organizar sua rotina de trabalho-pesquisa, além de entender o quanto tenho que apreender sobre o ofício de historiador.

Nesse sentido Marc Bloch (2001) em seu trabalho *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*, ensina sobre a análise dos documentos escritos em determinado período, sendo necessário que o pesquisador formule certos questionamentos: Quando foi escrito? Por quem foi escrito? Qual a razão de escreverem tal documento? .

Outro dado importante aos futuros pesquisadores segundo Bloch (2001:77) em seus escritos, “[...] não faltam falsas bulas, e assim como todos os relatórios de embaixadores, nenhuma carta de negócios diz a verdade.” Cabe ao historiador realizar uma leitura atenta do documento, procurando indícios, contradições, repetições que denunciem a intencionalidade de quem escreveu tal documento e jamais procurar a verdade, mas realizar interpretações que mais se aproximem da realidade.

Os procedimentos citados acima conduzem a uma pesquisa detalhada e focada na análise da documentação referente ao objeto de pesquisa, no caso da Festa do Divino investigou-se até o momento, que boa parte dos registros documentais encontram-se na Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS) e na Paróquia Nossa Senhora dos Anjos, assim como no Jornal Gazetinha preservado no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, que constam anúncios da celebração por parte dos comerciantes.

Ao falar-se nos periódicos Tania Regina de Luca (2011) em seu escrito *História dos, nos e por meio dos periódicos*, reconhece que o historiador deve tomar certas cautelas ao trabalhar com jornais, sendo necessário focar na análise do discurso; como a notícia está estruturada; ver a intencionalidade da informação, são elementos básicos para se trabalhar

com este tipo de fonte. O que me orienta a pensar sobre os anúncios da Festa do Divino, representam em um primeiro momento um status social para os que contribuem com a propagação do festejo, estes no próximo ano de realização do festejo podem ser indicados como imperador e imperatriz do Divino⁸ marcando uma posição privilegiada na sociedade gravataiense.

Essa ação conforme Luca (2011) é respaldada de interesses sociais de determinados grupos que detém certo poder aquisitivo e usam deste para se beneficiar. Tendo como instrumento imediato o periódico que possuía grande circulação entre a população.

Outra fonte histórica fica a cargo da memória que está contida nos documentos, monumentos e nas vivências humanas, que nos últimos tempos vem recebendo espaço significativo nos estudos históricos.

Neste sentido cabe ressaltar que a escrita da história sofreu várias modificações, paradigmas foram quebrados, a noção de tempo fixo deixou de existir, passando a ser visto como tempos múltiplos, a desconfiança que recaía nas fontes orais foram transportadas também para as fontes escritas, a imparcialidade atribuída ao historiador deu lugar à visão de um profissional fruto do seu tempo, sendo assim o que ele produz também está condicionado ao tempo presente⁹.

Jacques Le Goff (1996) também se pronuncia a respeito da memória e da história, postulando que ambas estão contidas nos monumentos e nos documentos, passando por diferentes transformações ao longo dos tempos, “o documento é monumento, resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.” (LE GOFF, 1996: 548)

Ao seguir as orientações do referido autor compreendo a importância dos estudos sobre memória e sua aplicação no campo histórico, relacionando com minha pesquisa entendo que as memórias das Festas do Divino Espírito Santo em Gravataí-RS, podem revelar os tempos da festa, as práticas, as ações, os desejos, anseios não registrados por uma historiografia tradicional.

⁸ Elementos simbólicos da festividade que tem por função arrecadar fundos para a festa, assim como representar o poder majestoso do Espírito Santo entre os seus fiéis.

⁹ Ver BURKE, Peter (1992)

Sendo assim, pretendo utilizar fontes escritas e fontes orais, acreditando na importância da complementaridade desses dois corpos documentais e na riqueza de dados que o diálogo entre ambas pode proporcionar, ampliando com isso as possibilidades de elucidação dos meus questionamentos na minha pesquisa.

Para o acesso a memória da comunidade de Gravataí/RS optou-se pelas fontes orais, observo que algumas entrevistas já foram realizadas com algumas personalidades locais, assim como realizar-se-á outras entrevistas com a comunidade de Gravataí-RS, no sentido de buscar na memória resquícios do passado sobre a Festa do Divino Espírito Santo, bem como o processo de construção de uma política identitária. Operacionalmente, as entrevistas serão semi-estruturadas, uma vez que a combinação de perguntas abertas e fechadas permite ao entrevistado a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão. Essa forma de entrevista também restringe o volume de informações e, com isso, tem-se um maior direcionamento para o tema (BONI & QUARESMA, 2005: 75).

Indica-se que os outros entrevistados na cidade de Gravataí serão a população local, membros da Irmandade, memorialistas locais, membros da Casa dos Açores do Rio Grande do Sul, do arquivo histórico e de museus, autoridades locais.

O uso da história oral neste trabalho tem por finalidade verificar os significados e sentidos da Festa do Divino, uma vez que o festejo produz símbolos que expressam uma política de identidade e, através dos depoimentos daqueles que participaram e participam da celebração, poder contribuir com seus testemunhos para resgatar certas peculiaridades da festa ou fatos que ficaram marcados na sua memória, conforme Thompson (1998: 22):

(...) A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior e na produção da história- seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

O testemunho oral nos permite esclarecer trajetórias individuais, acontecimentos ou processos que, em muitas vezes, esquecidos pela “história oficial”, não têm outra forma de serem esclarecidos. Com (BURKE, 1992:13), entende-se que em geral os registros oficiais expressam o ponto de vista oficial. “Para reconstituir as atitudes de elementos marginalizados

pela historiografia tradicional, tais registros necessitam ser suplementados por outro tipo de fonte.” Sendo assim, os depoimentos orais, usados como fonte, tornam-se uma importante porta de acesso ao passado das comunidades, uma vez que os registros escritos são poucos ou inexistentes.

Portanto, a história oral oferta um novo pensar sobre o nosso passado, saindo das análises tradicionais e abrindo uma nova possibilidade de investigação dos fatos que ocorreram na História, trazendo um olhar do presente para o passado.

Cabe aqui ressaltar que se utilizará também as fontes documentais, intercalando-as com as fontes orais. Compreendendo que ambas não são opostas ou hierarquizadas, mas complementares. Faremos o que Regina Weber (2008) denominou de “cruzamento de fontes”.

A análise desses documentos será na procura de pistas, indícios, vestígios. Como postulou Ginzburg (1989), entendemos o conhecimento histórico como indireto, indiciário, baseado em pistas e conjectural. Sendo assim, o papel do historiador, tal qual o de um detetive (para usar o mesmo exemplo do autor), é o da busca por pormenores considerados negligenciáveis e, a partir deles, remontar uma realidade complexa.

Fazer o documento falar, ler nas entrelinhas, às avessas, contra as intenções de quem os produziu, levando em conta as relações de força ali implícitas, (GINZBURG, p.42, 2002) “possibilita captar o que está fora do texto”, o não dito.

Por último apresento a tese de doutorado de Martha Daisson Hameister (2006), *“Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da vila do Rio Grande (1738-1763)”* me atendo ao capítulo VI. *Açoriano: “ser ou não ser, eis a questão”* que autora discute sobre o ser açoriano, referindo-se a uma identidade forjada no Continente do Rio Grande de São Pedro e por muitas vezes esquecida em detrimento de interesses econômicos, não havendo o reconhecimento de uma identidade açoriana nesse período. Em consonância Vera Maciel Barroso encontrou em seus estudos sobre a presença açoriana no Rio Grande de São Pedro a denominação “casais de número” nos registros de imigração do mesmo período trabalhado por Hameister (2006).

O estudo de caso de uma política de construção identitária em Gravataí-RS que me proponho está ligado ao recorte temporal entre 1980 e 2002, quando da retomada da Festa do

Divino na comunidade de Gravataí/RS, parto da referência do antropólogo João Leal (2007), estudioso da cultura açoriana, com diversas publicações e trabalhos sobre a Festa do Divino em Portugal, Estados Unidos e Brasil, descreve em seu livro *Cultura e identidade açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina*, as políticas de identidade desenvolvidas pela população catarinense com o objetivo de resgatar, preservar e dar continuidade ao movimento de valorização cultural açoriana iniciado nos anos de 1980.

Também realizou estudos sobre a açorianidade ou ser açoriano a partir da criação desta nomenclatura, por Victor Nemésio (escritor açoriano) nos anos de 1930 para diferenciar o habitante das Ilhas dos Açores, assim como valorizar sua cultura em relação a Portugal continental. Nessa linha concordo com a historiadora Hameister (2006) que o termo açoriano não era aplicado aos casais dos Açores no século XVIII, quando da sua chegada ao atual Estado do Rio Grande do Sul.

Considerações Finais

O presente trabalho procurou articular os estudos realizados na cadeira de Fontes e Métodos de Pesquisa com a Festa do Divino Espírito Santo em Gravataí/RS, levando em consideração o ofício do historiador, com o intuito de apresentar os caminhos a serem percorridos pelo jovem pesquisador em sua investigação. Para tanto, apoiou-se em alguns textos historiográficos que orientaram a formular questionamentos e a definir por hora fontes e métodos de pesquisa histórica, conforme Bloch (2001:78):

[...] a partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar [pura e] simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tencionamos fazê-las falar [, mesmo a contragosto], mais do que nunca impõe-se um questionário. Esta é, com efeito, a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida.

O referido historiador apresenta caminhos a serem realizados na pesquisa, fazer os documentos falarem, através de seus problemas de investigação e mais que isso, segundo Cunha (2011) e Malatian (2011) trabalhar com as práticas culturais do sensível, ou seja, respeitar e dar o devido tratamento as fontes históricas, pois nelas o historiador encontrará desejos, emoções, medos, aflições, angústias, amores e uma série de elementos que constituem as vivências humanas.

Ginzburg (1989) apontou também para o cuidado com os detalhes, os indícios, pistas que passam despercebidos pelo olhar leigo, mas que o historiador deve capturá-los com seu método investigativo, como também, de acordo com Le Goff (1996:548) “ Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo” e sim, trabalhar em cima das condições de produção dos documentos e contextualizar o aparentemente claro e objetivo, indagar seu objeto na procura de respostas que se aproximem da realidade.

Sendo assim, os teóricos trabalhados foram importantes para ampliar os horizontes do pesquisador no que se refere a aplicação de métodos de pesquisa histórica, como também na seleção de fontes históricas, para continuidade da pesquisa sobre a celebração do Divino Espírito Santo na cidade de Gravataí/RS e a construção de política identitária.

Referências Bibliográficas

ACCIOLY, Sheila Mendes; SALLES, Sandro Guimarães de. **Marabaixo: identidade social e etnicidade na música negra no Amapá**. Acesso: 15 de janeiro de 2013, disponível em http://encipecom.medodista.br/mediawiki/images/5/56/GT2-002-Marabaixo-sheila_Sandro.pdf

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 [“Capítulo II – A observação crítica” (p. 69-87) e “Capítulo III – A crítica” (p. 89-124)].

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2012.

BURKE, Peter (Org), **A Escrita da História: novas perspectivas**, Tradução: Magda Lopes, Unesp -- 1992, SP.

CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a história. In PINSKY, Carla Bassanezi;

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: os sistemas totêmicos na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [“Sinais. Raízes de um paradigma indiciário”, p. 143-179].

GINZBURG, Carlo. **Relações de Força: história, retórica, prova**. Tradução Jônatas Batista Neto. Companhia das Letras: São Paulo, 2002.

HAMEISTER, Martha Daisson. **Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da vila do Rio Grande (1738-1763)**. PPG-História Social/UFRJ, 2006 [tese de doutorado]. Disponível em: http://teses.ufrj.br/IFCS_D/MarthaDaissonHameister.pdf.

HOBSBAWM, Eric J. **Invenção das tradições**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JACHEMET, Célia Silva. **Tempo de Festa: uma análise da Festa do Divino (Espírito Santo)- 1859-1933- Gravataí e Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

LEAL, João. **Cultura e identidade açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996 (4ª Edição) [“Documento/Monumento”, p. 535-553].

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008 (2ª Edição), p. 111-153.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195-222.

NORONHA, Luísa. **A presença açoriana no Brasil e Uruguai**. In: *Açorianos no Rio Grande do Sul – Brasil – II* organizado por Santa Inêze da Rocha. Porto Alegre: Caravela, 2007.

WEBER, R. **Fontes cruzadas**. Texto apresentado IX Encontro Estadual de História, promovido pela ANPUH/RS e realizado em julho de 2008 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/nph/arquivos/Regina%20Weber%20%20Fontes%20Cruzadas.pdf>.